

## O MAPA LITERÁRIO DE BRITO BROCA

HAQUIRA OSAKABE

Universidade Estadual de Campinas

Esta é a denominação da pasta que contém as crônicas de viagens que o homenageado deste simpósio escreveu quando de sua visita às cidades mineiras, à Goiânia, Montevideu, Porto Alegre, Madrid, Paris, etc. Embora certas constantes favoreçam a uma visão de conjunto de todo o material e, embora seja estimulante averiguar o modo pelo qual o saudoso crítico passa do nacional para o cosmopolita, vou reter-me aqui nesta primeira incursão, nas viagens de nossa personagem pelas cidades de Minas. Há uma questão de tempo que me força a escolha: mas é o próprio Brito Broca quem justifica a escolha prioritária de Minas Gerais, como o lugar em que a história vincou os sulcos imprescindíveis à configuração de uma cultura. Nos textos que tratam de Minas, há como que uma espécie de exercício de especulação sobre as condições em que é possível a produção de uma boa e autêntica literatura, sinal de uma boa e autêntica cultura. No entanto, de minha parte, há para além dessa escolha objetiva, uma de ordem mais pessoal, assentada em alguns anos de peregrinação mineira, e de uma incurável identificação com sua cultura. À moda de Brito Broca, coloquemos um pouco de pessoalidade na questão. Filho de imigrantes, nascido em Ribeirão Preto, me vi brasileiro às custas da tutela de babás e cozinheiras mineiras que desembarcavam ali mesmo, perto de casa, na pequena estação da extinta Estrada de Ferro São Paulo-Minas. Foram elas que plasmaram sobre o substrato nipônico uma "vontade" de Minas, correlato pobre do "fantasma" de Minas que toma de assalto várias de nossas maiores inteligências. Fica claro que foi essa "vontade" mineira que foi despertada, num longínquo dia parisiense, quando uma amiga mineira me disse: "você precisa ir a Diamantina". Lá fui um dia. E depois, nunca mais deixei de fazer os roteiros de Minas, movido por aquela "vontade" que vozes tão caras impregnaram à maneira de uma memória transferida, sobre este jeito definitivo de ver nosso pobre país.

Feitas essas considerações, tentemos apanhar o que de essencial me parece necessário destacar neste mapa literário. Brito Broca afirma num dado momento de uma de suas crônicas sobre Ouro Preto "Não sou grande apreciador da velharia pela velharia. O que me atrai em Ouro Preto não é a antiguidade em si, mas a atmosfera que ela cria". Mais adiante, na mesma crônica, afirma ainda ele: "Paradoxalmente, o Brasil genuíno que vamos procurar nas tradicionais cidades de Minas e sobretudo em Ouro Preto, é a Europa. Nesse ambiente historicamente tão brasileiro, sentimos um verdadeiro 'despauamento'. O arranha-céu parece muito mais nosso do que os palácios de Vila Rica, feitos ao gosto de uma arquitetura portuguesa da época". Uma melhor discussão dessa posição poderá ser encontrada numa outra crônica que Brito Broca faz sobre Belo Horizonte. Mas antes de passar a esta, vejamos em que implicam as considerações há pouco citadas: em primeiro lugar, salien-

te-se a crítica ao gosto da “velharia pela velharia”. De fato, o que mais se observa em suas crônicas sobre Ouro Preto em especial, não vem a ser o culto do antigo ou o lamento de sua deterioração, atitude que permitiria ao escritor situar-se hieraticamente no passado e julgar como decadentes todas as novidades. Ou, de maneira mais caricata, o culto do passado, ou da velharia, como ele o diz, poderia ser a marca diferenciadora que distingue o colecionador de antiguidades do homem culto que vive essa antiguidade sem ostentação. Mais do que isso a antiguidade é um bem imaterial, algo que transpira sabedoria que vai além de brasões e pratarias rutilantes. Uma segunda lição a tirarmos daquelas considerações está no conceito daquilo que é de fato “dado” cultural nosso, brasileiro. Aqui também, ao contrário de nacionalistas mais ingênuos que definem uma posição inteiramente imanente de brasilidade, Brito Broca aponta para o fato de que em um ambiente tão historicamente brasileiro, como é o caso de Ouro Preto, tem-se uma inequívoca sensação de deslocamento. É que a história transformou as cidades e transformou o homem brasileiro. Mesmo o homem de Ouro Preto não guarda diferenças enormes em relação aos demais brasileiros, apesar da Arquitetura.

No entanto, esta posição que aparece sólida nas crônicas sobre Ouro Preto, parece um pouco mais cambiante sobretudo nas crônicas sobre São João del Rey: “Não foi para procurar o progresso que aqui vim.”, afirma ele em tom de decepção. E será somente atravessando as pontes sobre o Riacho Lenheiro que ele irá encontrar os mesmos casarões de Ouro Preto. Mas, “já não podem criar uma atmosfera própria na aura de progresso que os circunda e vejo-os condenados irremediavelmente à condição de relíquia de museu-”, afirma ele. Na verdade, o que transparece nessa crônica curiosa é aquilo que o próprio Brito Broca tenta de algum modo evitar nas considerações sobre Ouro Preto. Há aqui algo de lamento; e sobretudo a explicitação de uma contradição que com certeza já se impunha aos habitantes de São João Del Rey naquele momento: o progresso e a tradição. O tempo, no entanto, iria contradizer a previsão do autor; quem visita hoje São João Del Rey é capaz de sentir ali a mesma atmosfera especial que se sente em Ouro Preto. É que, superado o momento da contradição maior, a cidade aprendeu a harmonizar o antigo com o novo, e seus habitantes transitam entre ambos os tempos com a naturalidade de quem assume com leveza as alterações que a história acaba impondo a tudo o que é humano.

À primeira vista, essas observações podem conduzir ao equívoco de pensarmos Brito Broca como o saudosista que ele próprio condena. Na verdade, a questão é mais pertinente e mais interessante se pensarmos que o grande problema para Brito Broca não é tanto o culto do antigo e o repúdio ou glorificação do progresso. O problema está nas condições de favorabilidade das manifestações culturais. Aqui sim, Brito Broca assume uma posição bastante clara. Só o tempo pode favorecer a constituição de uma grande cultura e de uma boa literatura.

Na referida crônica sobre sua visita a Belo Horizonte, Brito Broca mostra seu espanto em ver plantada ali naquela região uma cidade moderna e agitada; mas isso, segundo suas próprias palavras, não basta para produzir uma literatura: “só um passado longo e denso pode determinar essa infinidade de livros, essa literatura, através da qual se fixam os valores e mitos citadinos. A paisagem natural e urbana de Belo Horizonte encanta, mas não basta maravilhar-se diante daquele céu de um azul lustroso e esmaltado, da ondulação de montanhas que circundam a cidade; é preciso sentir mais profundamente o cenário, informado pelas impressões, as imagens, as perspectivas que a arte, a poesia, a literatura enfim nos transmitiram.”. Ora, se ainda as grandes impressões da urbe não foram devidamente registradas e retidas por alguma tradição, como será possível vivê-las? Este é o lamento

de Brito Broca. Vivendo na transição entre a dissolução dos padrões mais tradicionais (que nos vinculam à Europa) e a afirmação de novas formulações culturais, não pode deixar de lamentar não tanto a perda de um passado (perda esta simbolizada por São João Del Rey) ou a afirmação de um futuro simbolizada por Belo Horizonte. Lamenta, sim, a dissipação das condições mínimas de produção cultural, um certo esvaziamento que o novo não conseguia anular.

É no sentido da harmonização dessa polaridade que Brito Broca faz o elogio de Diamantina. Secundando as personagens de Aristides Rabelo que diriam sobre os diamantinenses: "Nós somos uns pobretões, não temos nada, mas não somos banais.", Brito Broca, vivendo um período em que a via férrea era símbolo máximo do progresso, assinala com veemência que Diamantina, embora velha aceitou com dignidade a presença do novo. Diz Brito Broca: "ela não se banalizou". Muita coisa mudou naquela cidade, muito diferente e menos rica do que Ouro Preto. No entanto, mesmo padecendo com mudanças que lhe sangraram a fisionomia, como a horrenda construção da catedral, Diamantina manteve-se intacta no seu espírito. Isto é, assimilou as mudanças sem contudo trair uma história secular. Ali uma cultura se faz, uma inteligência se produz, herdeira de candeeiros, serestas, mas também do novo prédio dos correios, da estrada de ferro que irá até a Bahia e mesmo da própria catedral diante da qual se abre o Beco do Motta, alegre e pecaminoso. Mas, na observação aguda de Brito Broca há mais do que isso para explicar Diamantina: a vida. Do largo da Cavalhada até a praça do Mercado é a vida viva que se inscreve diretamente no dia-a-dia dos diamantinenses. Ali eles vivem com a leveza distinta de tantas outras cidades mineiras. Diz Brito Broca: "Mas não existe aquela atmosfera melancólica e pesada e sombria de Vila Rica. Diamantina é, por excelência, uma cidade alegre. O povo afável, festeiro, nada banal, um dos mais alegres do Brasil." É possível descobrir-se aqui mais uma nuance daquela contradição que o escritor havia estabelecido nas suas observações anteriores. Fica mais claro aqui que o que agasta o espírito de Brito Broca não é o envelhecimento, a perda, a introdução do novo, elementos inevitáveis de uma história que um país novo como o Brasil tem de enfrentar. O que lhe dói é o sentimento de banalização, isto é, do perigo de uma ordinarização da vida e o conseqüente apagamento das saliências que lhe conferem dignidade e solidez, as quais só mesmo o sulcar do tempo pode produzir. E a cidade símbolo de tudo isto é Diamantina, menos aristocrática que Vila Rica, menos ativa, mas colorida por uma vida que ainda não terá fenecido. Ali se cruzam caminhos de ferro e trilhas de tropeiros que no velho mercado improvisam sua cozinha, à luz do fogo e ao som de uma eterna sanfona. No velho mercado se embatem antigas e novas formas de comércio e tudo se harmoniza como uma coisa sempre nova: uma antiga cruz plantada em frente à Igreja do Rosário foi envolvida por uma figueira que ali nasceu. Curiosidade para Brito Broca, ainda hoje elas ali estão entrelaçadas, convivendo. Isto é Diamantina para Brito Broca: Aquela que não se banalizou.

À distância, hoje é possível ver que nos seus temores, Brito Broca cometeu alguns erros de análise menores. E acertou em cheio no essencial: foi justo com Diamantina, foi injusto com São João Del Rey e não conseguiu prever o desastre que o turismo acabou por cometer contra Ouro Preto. Mas ao fazer a crítica à banalização talvez não soubesse ele naquele momento que estava a indicar com precisão uma das marcas mais agudas e dolorosas que o chamado progresso trouxe para a nossa percepção cultural. Filhos de um **vale-tudo** em matéria de inteligência e produção artística e cultural, somos incapazes ou inábeis para indicar as fronteiras entre uma boa ou má literatura, entre uma boa ou má teoria ou uma música que seja de melhor qualidade. Tudo se neutraliza, no apelo a um moderno demo-

cratismo em que tudo se iguala pelo pior. Isto é a banalização contra que, intuitivamente, Brito Broca se opôs com um certo desencanto. E tinha razão.

Mas, voltemos ao começo. Como disse, fui também a Diamantina satisfazer minha - "vontade de Minas". Ali voltei várias vezes e tive sensações semelhantes às de Brito Broca. Diamantina de fato fica como uma resistência à banalização de tudo. Dá para entender porque um homem como Alexandre Eulalio iria apreciar tanto a figura de Brito Broca. E aqui a confluência de ambos é inevitável. Ao ler a crônica sobre Diamantina vê-se nas entrelinhas o perfil desse outro intelectual que também resistiu, como poucos, à banalização. Na última vez que estive naquela cidade fui fazer uma visita à velha chácara da Palha, tão cara a Alexandre e onde, diz a lenda, Chica da Silva teria feito erigir seu famoso palácio. Um silêncio clausttral fazia ali, para onde me levava a "vontade" de Minas. Solitária a chácara ruía com dignidade. E, como diria Brito Broca, dela emanava uma atmosfera especial, um fluir de sabedoria que fazia dueto com o riacho que corre aos fundos. À beira deste com certeza dialogavam vozes inteligentes. Terminei, repetindo Adélia Prado: "Diamantina fica ali". E o Brasil?